



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A LINGUAGEM QUE SE CONSTROI PELA LINGUAGEM NO FILME NARRADORES DE JAVÉ

Maria Antonieta Pereira da Silva¹

INTRODUÇÃO

A disciplina *Literatura, Memória e Identidade* trouxe o estudo de conteúdos temáticos, ricos de reflexões, que podem largamente subsidiar tanto os trabalhos voltados para linha de pesquisa *Descrição e Análise Linguística* como também as demais, embora esta minha descoberta não tenha sido imediata. Mas, um olhar mais atento para o filme *Narradores de Javé* fez-me ver que o filme se estrutura, todo ele, nas questões da linguagem, às quais, os discursos de alguns linguístas têm-se ocupado, atualmente.

Embora existam outras tendências na forma de relacionar oralidade e escrita, a que pretendo mostrar, neste trabalho de pesquisa, é a visão de Luiz Antônio Marcuschi, que trata a língua, nas modalidades oral e escrita, como práticas sociais que se completam e se manifestam, numa perspectiva de completude e permite ter uma visão mais ampla do que aquela tendência que a vê como um conjunto de regras gramaticais ou de formas que, para ele, é uma visão muito pobre.

Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho pretende discutir o uso das duas modalidades de linguagem (oralidade e letramento), tomando como suporte o filme *Narradores de Javé*, a partir dos recursos utilizados na

¹ Maria Antonieta Pereira da Silva. Possui graduação em Letras Vernáculo e pós graduação em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Acre. email: antonieta.saavedra@hotmail.com.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

para podermos expressar com mais ênfase o que intencionamos. Estas são ideias trazidas pelo autor a respeito da relação língua falada e língua escrita.

3 A NATUREZA DAS PRÁTICAS SOCIAIS QUE ENVOLVEM O USO DA LÍNGUA FALADA E ESCRITA EM NARRADORES DE JAVÉ

O drama vivenciado pelos moradores da comunidade de Javé em torno da possível catástrofe da inundação da região e a necessidade urgente de tornar a história daquela gente registrada por escrito, suscita uma reflexão sobre o uso da língua.

As práticas de linguagem determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas de letramento numa dada sociedade e justificam que a questão da relação entre ambas seja posta no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas. Esse contínuo poderia ser traduzido em outras imagens, por exemplo, na forma de uma gradação ou de uma mesclagem (MARCUSCHI, 2008).

Para a comunidade Javeense, a escrita não tinha significado pelo motivo de não ter utilidade, isto é, não era usada por eles. A necessidade de documentar a história dos moradores do Vale de Javé abre-se a reflexão sobre o lugar e o papel da escrita na comunidade. Isso é demonstrado pela cena em que uma senhora de idade está estudando, num cantinho de um bar, enquanto alguns presentes, na ocasião, riem dela por acharem que aprender a escrever naquela idade não serviria para nada. Este comentário foi contradito pelo personagem narrador da história do vilarejo e serviu para motivar a narração dos fatos que sustentam o enredo do filme. Tanto é que a agência dos Correios da comunidade ia até fechar por não ter nenhuma serventia. Os indícios tímidos da prática da escrita na comunidade resumiam-se à existência de um posto dos Correios e do único letrado da região, Antônio Biá. Este era mentiroso, enganador, trapaceiro, homem de caráter duvidoso. Passava o



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

tempo em andanças sem escrever nada sobre a história do povo de Javé. Quando era, insistentemente, cobrado, fazia de conta que estava escrevendo. Para disfarçar, dizia que iria escrever em casa. Ria, com certo deboche, das pessoas que opinavam sobre o texto a ser escrito. Vivia fugindo da verdade dos fatos.

Ao refletir sobre os fatos ocorridos, percebe-se que há uma carga semântica em torno das características desse personagem que evidencia uma intencionalidade do autor. Vejamos que são características bastante negativas, capazes de sugerirem que naquela sociedade a fala fosse mais valorizada em relação à escrita. Na verdade, a prática desta não existia, conforme foi demonstrado. É de se esperar, pois os moradores do Vale de Javé experimentam um período histórico bastante primitivo. Algumas práticas adotadas no percurso histórico da comunidade do Vale de Javé como o sino, transportado numa carroça, puxado por animal; as terras que eram adquiridas nas chamadas *divisas cantadas*, bem como outros elementos dêiticos, sinalizam para um período histórico muito primitivo, onde se sabe que a oralidade era a única forma de passar os conhecimentos a respeito da cultura das comunidades. Vale do Javé é representativa desse momento histórico. O povo de Javé está no limiar dessa transição de uma fase para outra no processo da evolução da linguagem falada para a escrita.

O surgimento da escrita na vida dos povos é um marco importantíssimo e representa mais uma das modalidades da linguagem. A humanidade que passou da fase da oralidade para a fase dos letramentos nas mais diversas formas é, no filme, representada pelos moradores da Comunidade do Vale de Javé. A visão do *contínuo* proposto por Marcuschi evidencia-se na prática de linguagem dos personagens em relação à modalidade fala e escrita, em uso. Na comunidade, só o personagem Biá tinha o domínio das duas modalidades: ele tanto falava como escrevia. Gradualmente, ele passava da fala para a escrita, alternando as duas modalidades da forma como lhe era útil. Porém, a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

prática dos demais personagens difere da prática do personagem Biá. Enquanto, este personagem transita com liberdade por um espaço mais amplo, dominando as duas modalidades de linguagem (fala e escrita), os outros eram limitados nesse trânsito, pois faziam uso somente da fala.

O enfoque que o narrador dá ao personagem Antônio Biá é bastante significativo, quando visto na perspectiva da relação das duas modalidades fala e escrita. Como a definição de um personagem é feita pelo julgamento que fazem dele o narrador, bem como as outras personagens, o perfil que foi traçado a respeito da personagem Antônio Biá está reforçando a premissa proposta no início deste texto, em que L. A. Marcuschi diz ser mito a história da supremacia da escrita sobre a fala, nem o contrário. Que a relação entre uma e outra se dá em um contínuo histórico, como pode-se observar tanto na comunidade do Vale de Javé como nas demais comunidades do mundo. Sempre foi assim: primeiro veio a fala e depois a escrita. No desabrochar desse contínuo, estava surgindo, em Javé, mais uma modalidade da língua - a escrita.

A inundação do povoado ocorreu sem que a escrita se estabelecesse no uso comum das pessoas. Esse desfecho torna-se significativo, podendo estar sinalizando para a intenção do autor de problematizar as formas de enunciação preconizada por Leskov, citado por Walter Benjamin (1994), onde, para ele, a forma narrativa calcada pela experiência era posta como primícias em relação ao narrador do romance (escrito) e, ao narrador da informação (também escrita). Leskov valorizou o narrador, presente nas narrativas (contos de fadas, lendas, epopeias...) por que, segundo ele, passavam pela experiência de quem as contava. O narrador de *Narradores de Javé* optou pela epopeia narrada, à escrita. As cinco versões narradas, a partir da experiência sobre a vida daquele povo, constitui-se em verdadeiras epopeias que estavam sendo repassadas, oralmente. Infelizmente, as versões narradas não foram consideradas como válidas para salvar o povoado, visto ter sido inundado. Este



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

fato traz à tona o mito da superioridade da língua escrita nas sociedades mais evoluídas, em relação à língua falada do que Marcuschi se refere, formulando a ideia do *contínuo*.

À medida que o enredo da narrativa foi avançando, foi também sendo construída a ideia da língua como prática social que se realiza no seu uso, seja pela fala ou pela escrita. Nessa narrativa, que funciona como espinha dorsal para firmarem-se conceitos de linguagem, nas modalidades oral e escrita, os recursos utilizados, além de reforçarem os significados, trabalham conceitos sem que fosse preciso usar a escrita alfabética para dizê-los, numa linguagem metalinguística, que as modalidades (língua falada e língua escrita) se realizam em um *continuum* de práticas sociais e, não, numa relação antagônica e, muito menos, de superioridade.

CONCLUSÃO

De acordo com o que veio sendo discutido no decorrer deste texto, é possível enxergar na linguagem do texto a perspectiva marcuschiniana no enredo que conduziu a narrativa do filme *Os Narradores de Javé*. Isto é, considerá-la uma prática social, a qual se realiza a partir do seu uso. Se as pessoas da comunidade do Vale de Javé falavam mais que escreviam, significa que naquela comunidade a fala sobrepunha-se à escrita e, por conseguinte, era esta menos importante que a outra. Uma prática que não se realiza de forma divergente na relação fala e escrita, mas como forma contínua, podendo sobrepor-se e mesclar-se. O perfil negativo do personagem Biá apresenta-se com uma carga semântica muito forte, denotando o lugar que a escrita exercia na comunidade do Vale de Javé.

